

O Jovem Nietzsche, um Leitor Intempestivo

Hélio Sochodolak*

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir algumas posições que fizeram do jovem Nietzsche um leitor intempestivo e subversivo por excelência. Como vivenciador e pensador das mudanças na forma de ler de seu tempo ele mostrou-se sensível ao processo que foi da qualidade à quantidade do lido, o processo da substituição de uma leitura intensiva por uma leitura extensiva dos textos (o jornalismo).

Palavras-chave: Jovem Nietzsche – Leitura - História da leitura

Abstract: This article has for objective to argue some positions that had made of the young Nietzsche par excellence an intempestive and subversive reader. As vivenciador and thinking of the changes in the form to read of its time it one revealed sensible to the process that was of the quality to the amount of the read one, the process of the substitution of an intensive reading for a extensive reading of the texts (the journalism).

Key-words: Young Nietzsche – Reading - History of the reading

O jovem Nietzsche ocupou-se e preocupou-se com o processo da substituição de uma leitura intensiva por uma leitura extensiva. Para ele, tal fenômeno provocava um empobrecimento da língua e do pensamento, ao mesmo tempo, sobrecarregava o leitor com informações consideradas importantes ao homem civilizado. Igualmente, preocupou-se com a constituição de comunidades de leitores: por um lado, tornou-se avesso a toda e qualquer docilização dos corpos leitores através dessas comunidades, por outro, ficou fascinado com o ato da partilha da leitura, com uma leitura sonora. Nesse sentido, o encontro casual com a obra de Schopenhauer foi decisivo para ele que passou a considera-lo um “pai espiritual”. Com Wagner, outro leitor de Schopenhauer, esperava alcançar um público ideal que soubesse valorizar e harmonizar música e palavra. Um público leitor e apreciador de música que percebesse o dionisíaco na bela forma apolínea, do palco e do texto: leitores artísticos capazes de “ler para além do livro”. Estas questões marcam a direção principal deste artigo.¹

* Doutor em História. Professor de teoria da história e história da filosofia do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste – PR – Campus de Irati.

¹ Remetemos o leitor a nossa Tese de doutoramento que é a base deste artigo: SOCHODOLAK, Hélio. *O jovem Nietzsche e a leitura*. (tese) Assis-SP: UNESP, 2005.

Para Roger Chartier: “*A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...) Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor.*” (CHARTIER, 1999: 77) Aproveitando a indicação desse historiador da cultura ao findar esse texto, consideramos que, no tocante à leitura, o jovem Nietzsche foi um subversivo por excelência. E mais: ao defender a leitura como um processo artístico que atendia a objetivos como o autoconhecimento e o combate de elementos não livres em si e em seu tempo, ele entrou em “rota de colisão” com os interesses econômicos de um parque editorial em plena ascensão impulsionado pelos interesses políticos do Estado alemão. Este último passava pelo processo de unificação nacional e necessitava constituir uma nação que tivesse, além de uma língua comum, uma história e uma cultura igualmente comuns. É nesse contexto que podemos compreender o estímulo estatal à escolarização e à leitura, uma vez que isso convergia diretamente aos objetivos de “produzir cidadãos”. (Cf. HOBSBAWM, 1996: 51-240)

Sobre essa imagem da leitura, Michel de Certeau afirma:

*(...) a ideologia das Luzes queria que o livro fosse capaz de reformar a sociedade, que a vulgarização escolar transformasse os hábitos e costumes, que uma elite tivesse com seus produtos, se a sua difusão cobrisse todo o território, o poder de remodelar toda a nação. Este mito da educação inscreveu uma teoria do consumo nas estruturas da política cultural. (...) a idéia de uma produção da sociedade por um sistema "escriturístico" não cessou de ter como corolário a convicção de que, com mais ou menos resistência, o público é moldado pelo escrito (verbal ou icônico), torna-se semelhante ao que recebe, enfim, deixa-se **imprimir** pelo texto e como o texto que lhe é imposto.* (CERTEAU, 1994: 261)

O jovem Nietzsche esteve na contramão dessa compreensão “iluminista” remanescente em seu tempo: uma leitura que se quer impressora de caracteres no leitor. Nela inscrevem-se os interesses do Estado ou de uma determinada classe que, para isso, investia em escolas que se tornam técnicas ou profissionalizantes, produtoras de um cidadão útil, como denunciou o jovem Nietzsche em suas conferências sobre educação. Ele presenciou, pois, um crescente “*processo de difusão do impresso*” que provocaria mudanças radicais na forma de ler, não só na Alemanha, mas em toda a Europa. (CHARTIER, 2004: 233) Notava-se um aumento substancial da quantidade do material a ser lido por toda a parte. O jovem Nietzsche se mostrou muito sensível ao processo que foi da qualidade à quantidade do lido, o processo da substituição de uma leitura intensiva por uma leitura extensiva dos textos. A isso ele denominou jornalismo.

Chartier nos informa que, a princípio, o jornal era algo muito parecido com o livro. Na iconografia, por exemplo, até o século XVIII, eles ocupam juntos o mesmo campo simbólico, ou seja, indicam erudição dos sujeitos representados. Todavia, no final do século XVIII e

durante o século XIX, o jornal tornou-se cada vez mais o resultado de uma relação de consumo entre um editor e um leitor, que lia rapidamente para, logo depois, descartar o lido. Por conseguinte, a iconografia deixou de representar o jornal como sinal de cultura ou erudição. (CHARTIER, 2004: 75 *et. seq.*)

O jornal começou a utilizar uma linguagem mais popular, aligeirada, de fácil compreensão e sem muita profundidade. Dessa forma, deixava de ser reflexivo para tornar-se eminentemente informativo. O jovem Nietzsche percebeu que esse fenômeno não ficou restrito à esfera do jornal, mas atingiu também os livros que passaram a utilizar-se progressivamente de uma linguagem do tipo jornalística, acompanhando as tendências do mercado editorial e a sua produção de livros, cada vez em maior quantidade. O jornalismo provocava um empobrecimento da língua e do pensamento, ao mesmo tempo em que sobrecarregava o leitor de informações tidas como importantes ao homem civilizado. Útil ao Estado e à economia, mas não para o desenvolvimento de uma cultura autêntica, nos alerta o jovem Nietzsche.

Um outro aspecto marcante, acerca da inserção do jovem Nietzsche como vivenciador e pensador das mudanças na forma de ler de seu tempo, diz respeito à constituição de comunidades de leitores. Roger Chartier nos indica que no século XVIII, em menor grau na França, mas com grande expressividade na Inglaterra e na Alemanha, as sociedades de leitura eram relativamente numerosas e comuns. Elas se constituíam com base em regulamentos, que regiam desde as posturas físicas dos leitores, os locais de leitura e até mesmo os movimentos espontâneos e afetivos dos seus componentes quando se colocavam diante do livro. (CHARTIER, 2004: 78 *et. seq.*)

Nessa direção, observamos o jovem Nietzsche a um só tempo imerso e reticente a essa tendência, ainda forte em seu tempo. Participou ativamente de comunidades de leitores desde a infância. Por exemplo, com seus amigos da *Germânia*, criou regulamentos severos para disciplinar a leitura e a escrita. Entendia que somente assim seria possível desenvolver o estilo para melhor escrever seus textos e poemas. Ao mesmo tempo, algo o fascinou ainda mais: a experiência da partilha da leitura, da leitura em voz alta, uma leitura sonora. Os textos demandados pelos e a seus companheiros eram aqueles para serem lidos e partilhados com um público espectador com qualidades especiais.

E nisso parecia romper com a tradição dos *book clubs* antecedentes que normatizavam leituras silenciosas e solitárias. Ler e escrever, para ele, eram atividades que deviam ser compartilhadas. Uma constante no jovem Nietzsche foi esse aspecto agregador e comunitário

da leitura, conhecer-se a partir da vivência da leitura, combater os elementos não-livres de seu tempo; essas causas não podiam ser solitárias e silenciosas.

A leitura no jovem Nietzsche parece adquirir um significado variado no transcorrer de sua vida e de sua obra. Acreditamos que a leitura foi sendo desenvolvida no sentido de adquirir uma conotação existencial cada vez mais significativa que é vinculada ao propósito da contribuição para o autoconhecimento e para o combate. De uma leitura intensiva dos textos, ensinada e praticada no tempo de sua formação, o jovem Nietzsche observou o crescimento de uma forma extensiva e apressada de ler e escrever. Numa perspectiva crítica a essa posição, escreveu seus primeiros textos filológicos e realizou suas cinco conferências *Sobre o futuro dos Estabelecimentos de Ensino* alemães. Isso não quer dizer que se apresentava-se como um saudosista dos tempos de Pforta, apenas não concordava com as novas formas de ler.

A escola de Pforta se colocava, em alguns pontos, como limitadora do processo de leitura que desejou. Seu universalismo e alguns exercícios “modernos” que incentivavam a autonomia nos jovens sem que estivessem preparados para tal, por exemplo, foram experiências vivenciadas por ele e avaliadas de forma crítica quando egresso da velha Escola. Naquele momento, a filologia se apresentava como alternativa para sua formação generalista.

O jovem Nietzsche entendeu que, através da filologia clássica, a Antiguidade podia se afigurar como um modelo cultural para os modernos. Por outro lado, logo percebeu, a leitura por um método científico rigoroso, podia oferecer sérias limitações ao leitor e impossibilitar uma interpretação útil para a cultura e para a vida. Dessa forma, o que poderia ser fundamento torna-se apenas um ornamento incapaz de exercer influência sobre o presente. Ler como filólogo dava lugar ao objetivo maior que o jovem Nietzsche ostentou desde cedo, a leitura como subsídio existencial para o combate, capaz de ultrapassar a *mimese* platônica que superficializa e artificializa a cultura.

Ler tornava-se o grande instrumento bélico do soldado que se autoconhecia e queria provocar este mesmo fenômeno nos outros. O autoconhecimento possibilitava a utilização de um alto estilo na escrita, capaz de seduzir e envolver como música que cativa os membros de uma *comunidade cultural* com idéias comuns. Combater em comunidade e atrair novos adeptos para a causa da cultura. Este era o objetivo maior que o jovem Nietzsche desenvolvia com a leitura especialmente na década de 1870.

O encontro casual com a obra máxima de Schopenhauer foi decisivo para o jovem Nietzsche. Em Schopenhauer Nietzsche encontrou a orientação (paterna) que tanto demandava. Seu mestre lhe fundamentou Dionísio e alimentou esperanças por uma cultura

trágica. Identificou-se tanto com a leitura do mestre, que lhe considerava um pai espiritual, mais tarde corporificado no “pai seráfico” Richard Wagner. E foi justamente na esteira de Schopenhauer, na crença em uma outra cultura, uma cultura alemã autêntica, que o jovem Nietzsche militaria na causa wagneriana.

Com Wagner imaginou ter, acima de tudo, algo em comum: o público. E como foram graves as suas preocupações com o público de seus textos! Desejava causar impacto com seus escritos quando era professor na Basiléia, que deveria ser lembrada como *universidade vulcânica*. Quando isso não ocorreu, mostrou profundo desapontamento, por exemplo, pela enfraquecida repercussão da *Segunda Intempestiva* nos meios universitários. Sem dúvida ele almejava um público real e talvez essa fosse a principal causa de seu intenso relacionamento com Wagner como nos sugeriu já no prefácio de *O nascimento da tragédia* em 1872.

Considerando que o público não possa interferir no processo de produção textual após o texto estar escrito, na intencionalidade de sua elaboração não se poderia afirmar o mesmo. Neste sentido, consideramos inclusive o possível processo de autoprojeção pelo qual o escritor, ao idealizar seu público, projeta sua própria forma de leitura. Torna-se extremamente revelador perscrutar as relações com o público real ou idealizado, especialmente no tocante à causa wagneriana incorporada pelo jovem Nietzsche.

O público ideal almejado pelo jovem Nietzsche valorizava e harmonizava música e palavra. Seria capaz de captar o dionisíaco na bela forma apolínea, do palco e do texto. A crença de que esse público era o mesmo de Wagner enfraqueceu apenas nos escritos de 1874. Neles desejou alertar Wagner sobre os perigos que o rondavam, preocupação que se prolongou na *Quarta Intempestiva* até sua frustração final com o Festival de Bayreuth: o estopim do rompimento com seu guia musical.

Nietzsche procurou oferecer a Wagner um fio condutor (o fio de Ariadne), para que ele percebesse e resistisse aos perigos modernos (o labirinto do monstro) que poderiam fazê-lo esquecer-se de seus compromissos com um novo público trágico para a obra de arte. Por outro lado, Schopenhauer e Wagner ofereceram a Nietzsche um espelho: e ele viu algo que precisava ser ultrapassado. Ele precisava *ser-si-mesmo*. Wagner talvez fora o último mestre que o jovem Nietzsche não só desejou como também pôde conhecer e conviver. Conhecer o homem por trás da obra era um dos atributos requeridos da leitura de Nietzsche. Valia-lhe mais o exemplo e a vida, do que as palavras. Sabia ler para além do livro. Nesse aspecto a decepção com Wagner, e também com Schopenhauer, teve um papel fundamental: o jovem Nietzsche deixou de ser schopenhaueriano e wagneriano para tornar-se apenas *dionisiaco*,

como ele próprio avaliou em diversos momentos, por exemplo nos prefácios ao *Nascimento da Tragédia* e ao *Ecce Homo*, parágrafos 04 e 02, respectivamente.

Finalmente, talvez ele tivesse alcançado, ao menos parcialmente, seus objetivos com a leitura e a escrita, suas armas de guerra. (NIETZSCHE, F. Porque sou tão sábio. § 7. In: *Ecce Homo*) Com essa experiência, talvez ele próprio tenha encontrado o fio de Ariadne: “*A minha humanidade é uma permanente autossuperação.*” (*Ibidem*, § 8) Nesta direção concordamos com Granarolo (1997) quando afirma que Schopenhauer fora o mestre que permitiu a Nietzsche ser ele mesmo e com Gonçalves da Silva (2003: 204) quando diz: “*Wagner teve para Nietzsche valores e significados diferentes, foi um ponto de partida e um final, uma etapa a partir da qual era necessário saltar para alcançar a outra margem, para ser outro, para ser ele mesmo.*”

Assim, combateu seus mestres. Lia com a espada (pena) na mão, intempestivamente. Para além do arrebatamento, a lucidez da crítica fora-lhes dirigida. O jovem Nietzsche nos demonstrou que cresceu ao lê-los, a tal ponto que era preciso ultrapassá-los no que tinham de limitação à liberdade. Posteriormente Nietzsche reconheceu que seus mestres ajudaram-no a ser-si-mesmo. E isso implicou em destruir as amarras, os elementos não-livres incorporados pelos próprios mestres. A leitura lhe deu elementos para combatê-los, e, ao fazer observações sobre Wagner e Schopenhauer, alertava seu próprio leitor sobre eles. Para finalizar, gostaríamos de citar uma frase de Walter Scott (2005), uma leitura muito apreciada por Nietzsche que gostava de ouvir na voz de sua irmã: “*Todos os homens que têm demonstrado valer algo, tem sido os principais artífices de sua educação.*”

Referências:

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 10 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- GONÇALVES DA SILVA, Iracema Maria de Macedo. *Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos*. Tese. Campinas: Unicamp, 2003.
- GONÇALVES DA SILVA, Iracema Maria de Macedo. *Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos*. p. 204.
- GRANAROLO, Philippe. Le maître qui permit à Nietzsche de devenir ce qu’il était. In: LE FRANC, Jean (org). *Schopenhauer* (Cahiers d L’Herne) Paris: Ed. de L’Herne, 1997. n° 4.

HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital. 1848-1875*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. 15 v. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlim/München: Walter de Gruyter & Co., 1988.

SCOTT, Walter. *Citações de Walter Scott*. disponível em <http://www.alohacriticon.com/viajeliterario/article567.html> último acesso em setembro de 2005.

SOCHODOLAK, Hélio. *O jovem Nietzsche e a leitura*. (tese) Assis-SP: UNESP, 2005.